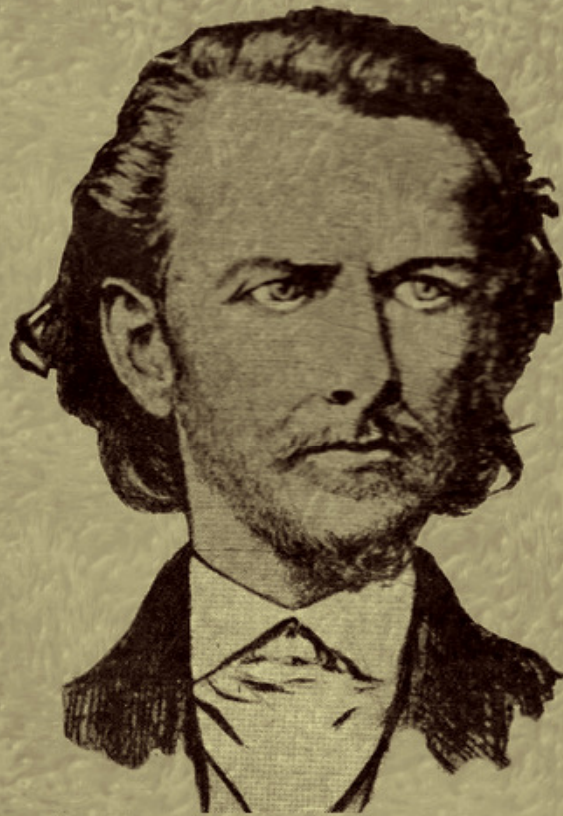


Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Fagundes Varela  
*Noturnas*



**Iba Mendes**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Fagundes Varela

## *Noturnas*

---

Publicado originalmente em 1860.

**Luís Nicolau Fagundes Varela  
(1841 – 1875)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 315**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Fagundes Varela: “*Noturnas*”.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

Fagundes Varela (Luís Nicolau F.V.), poeta, nasceu em Rio Claro, RJ, em 17 de agosto de 1841, e faleceu em Niterói, RJ, em 17 de fevereiro de 1875. É o patrono da Cadeira n. 11, por escolha do fundador Lúcio de Mendonça. Era filho do Dr. Emiliano Fagundes Varela e de Emília de Andrade, ambos de famílias fluminenses bem situadas. Passou a infância na fazenda natal e na vila de S. João Marcos, de que o pai era juiz. Depois, residiu em vários locais. Primeiro em Catalão (Goiás), para onde o magistrado fora transferido em 1851 e onde Fagundes Varela teria conhecido o juiz municipal Bernardo Guimarães. De volta à terra natal, residiu em Angra dos Reis e Petrópolis, onde fez os estudos do primário e secundário. Em 1859, foi terminar os preparatórios em São Paulo. Só em 1862 matricula-se na Faculdade de Direito, que nunca terminou, preferindo a literatura e dissipando-se na boêmia. Em 1861, publicara o primeiro livro de poesias, *Noturnas*.

Contraíu matrimônio com a artista de circo Alice Guilhermina Luande, de Sorocaba, que provocou escândalo na família e agravou-lhe a penúria financeira. O primeiro filho, Emiliano, morto aos três meses de idade, inspirou-lhe um dos mais belos poemas, *Cântico do Calvário*. A partir daí, acentuam-se nele a tendência ambulatória e o alcoolismo, mas também a inspiração criadora. Publicou *Vozes da América* em 1864 e a sua obra-prima *Cantos e fantasias*, em 1865. Nesse ano, ou em 66, durante uma viagem prolongada a Recife, faleceu-lhe a mulher, que não o acompanhara ao Norte. Ele voltou a São Paulo, matriculando-se em 1867 no 4o ano do curso de Direito. Abandonou de vez o curso e recolheu-se à casa paterna, na fazenda onde nascera, em Rio Claro, onde permanece até 1870, poetando e vagando pelos campos. Deixou-se sempre ficar na vida indefinível de boêmio, sem rumo, sem destino determinado. Casou-se pela segunda vez com a prima Maria Belisária de Brito Lambert, com quem teve duas filhas e um filho, este também falecido prematuramente. Em 1870, mudou-se com o pai para Niterói, onde viveu até o fim da vida, com largas estadas nas fazendas dos parentes e certa frequência nas rodas da boêmia intelectual do Rio.

Vivendo na última fase do Romantismo, a sua poesia revela um hábil poeta do verso. Em “Arquétipo”, um dos primeiros poemas, faz profissão de fé de tédio romântico, em versos brancos. Embora o preponderante em sua poesia seja a angústia e o sofrimento, evidenciam-se outros aspectos importantes: o patriótico, em *O estandarte auriverde* (1863) e *Vozes da América* (1864); o amoroso, na fase lírica, dos poemas ligados à natureza, e, por fim, o místico e religioso. O poeta não deixa de lado, também, os problemas sociais, como o abolicionismo.

# ÍNDICE

AVISO .....	1
À MINHA MÃE .....	1
NÉVOAS .....	2
VIDA DE FLOR .....	3
ARQUÉTIPO .....	4
O FORAGIDO .....	6
FRAGMENTOS .....	7
A MULHER .....	12
SOBRE UM TÚMULO .....	13
TRISTEZA .....	14
A ENCHENTE .....	16
ESTÁTUA EQUESTRE.....	18

## **AVISO**

*A dificuldade e demora das publicações em S. Paulo, não permitiam que tão cedo aparecesse a coleção completa de meus versos, entretanto as instâncias e pedidos cresciam de dia em dia, e fazia-se mister aceder aos benévolos desejos do público. Tomei por isso a deliberação de publicar em — séries — o meu livro, das quais apresento hoje a primeira, empenhando-me a continuar com pequenos intervalos de tempo. Peço desculpas por isso aos Srs. subscritores desta minha grande porém involuntária falta.*

*S. Paulo, 1° de outubro de 1861.*

L. N. F. VARELA.

## **Á MINHA MÃE**

Nas férteis regiões da Ásia a árvore da mirra e do incenso inundam de perfumes a gleba onde vicejam; — o cisne do Eurotas desfaz-se em harmonias ante a natureza que o cerca; — o Jordão desenrola cadente suas lâminas de cristal sobre as areias de ouro da terra abençoada. Eu não tenho porém cantos, — nem perfumes — nem harmonias para vos dar, oferto-vos apenas este pálido ramallete das fanadas flores de minha mocidade; — aceitai-o porque são saudades que vos envio através dos mares e das montanhas, — são lágrimas cristalizadas na febre das insônias, — são os primeiros lampejos de minh'alma doentia que se volvem para vós.

Aceitai-o.

## NÉVOAS

Nas horas tardias que a noite desmaia,  
Que rolam na praia mil vagas azuis,  
E a lua cercada de pálida chama  
Nos mares derrama seu pranto de luz,

Eu vi entre os flocos de névoas imensas  
Que em grutas extensas se elevam no ar,  
— Um corpo de fada, — serena dormindo,  
Tranqüila sorrindo num brando sonhar.

Na forma de neve — puríssima e nua —  
Um raio da lua de manso batia,  
Assim reclinada no túrbido leito  
Seu pálido peito de amores tremia.

Oh! filha das névoas! das veigas viçosas,  
Das verdes, — cheirosas roseiras do céu,  
Acaso rolaste tão bela dormindo,  
E dormes sorrindo, das nuvens no véu?

O orvalho das noites congela-te a fronte,  
As orlas do monte se escondem nas brumas,  
E queda repousas num mar de neblina,  
Qual pérola fina no leito de espumas!

Nas nuas espáduas, dos astros dormentes,  
— Tão frio — não sentes o pranto filtrar?  
E as asas de prata do gênio das noites,  
Em túbios açoites a trança agitar?

Ai! vem que nas nuvens te mata o desejo  
De um férvido beijo gozares em vão!...  
Os — astros sem alma — se cansam de olhar-te,  
Não podem amar-te, nem dizem paixão!

E as auras passavam, — e as névoas tremiam, —  
— E os gênios corriam — no espaço a cantar,  
Mas ela dormia tão pura e divina  
Qual pálida ondina nas águas do mar!

Imagem formosa das nuvens da Ilíria,  
— Brilhante Valquíria — das brumas do norte,



Não ouves ao menos do bardo os clamores,  
Envolta em vapores, — mais fria que a morte!

Oh! vem! vem, minh'alma! teu rosto gelado,  
Teu seio molhado de orvalho brilhante,  
Eu quero aquecê-los no peito incendiado,  
— Contar-te ao ouvido paixão delirante!...

Assim eu clamava tristonho e pendido,  
Ouvindo o gemido da onda na praia,  
Na hora em que fogem as névoas sombrias,  
— Nas horas tardias que a noite desmaia. —

E as brisas d'aurora ligeiras corriam,  
No leito batiam da fada divina;  
Sumiram-se as brumas do vento à bafagem  
E a pálida imagem desfez-se em — neblina!

*Santos — 1861.*

### **VIDA DE FLOR**

Porque vergas-me a fronte sobre a terra?  
— Diz a flor da colina ao manso vento —  
Se apenas das manhãs o doce orvalho  
Hei gozado um momento!

Tímida ainda, nas folhagens verdes  
Abro a corola à quietação das noites,  
Ergo-me bela, me rebaixas triste  
Com teus feros açoites!

Oh! deixa-me crescer, lançar perfumes,  
Vicejar das estrelas à magia,  
Que minha vida pálida se encerra  
No espaço de um só dia!

Mas o vento agitava sem piedade  
A fronte virgem da cheirosa flor,  
Que pouco a pouco se tingia, triste,  
De mórbido palor.

Não vês, oh brisa? lacerada, — murcha



Tão cedo ainda vou pendendo ao chão,  
E em breve tempo esfolharei já morta  
— Sem chegar ao verão?

Oh tem pena de mim! deixa-me ao menos  
Desfrutar um momento de prazer,  
Pois que é meu fado despontar n'aurora  
E ao crepúsc'lo morrer!...

Brutal amante não lhe ouviu as queixas,  
Nem às suas dores atenção prestou,  
E a flor mimosa retraindo as pétalas  
Na tige se inclinou.

Surgiu n'aurora, não chegou à tarde,  
Teve um momento de existência só;  
A noite veio, — procurou por ela,  
Mas a encontrou no pó.

Ouviste, oh virgem, a legenda triste  
Da flor do outeiro e seu funesto fim,  
— Irmã das flores, à mulher às vezes —  
Também sucede assim.

*S. Paulo — 1861.*

## **ARQUÉTIPO**

Ele era belo; na espaçosa fronte  
O dedo do Senhor gravado havia  
O sigilo do gênio; em seu caminho  
O hino da manhã soava ainda,  
E os pássaros da selva gorjeando  
Saudavam-lhe a passagem neste mundo.

Sim, era uma criança, e no entanto  
Friez de morte lhe coava n'alma!  
O seu riso era triste como o inverno,  
E dos olhos cansados, nem um raio  
Nem um clarão, nem pálido lampejo  
Da mocidade o fogo revelavam!

Era-lhe a vida uma comédia insípida,  
Estúpida e sem graça, — ele a passava  
Com a fria indiferença do marujo  
Que fuma o seu cachimbo reclinado  
Na proa do navio olhando as vagas,  
— Vivia por viver.... porque vivia.

Em nada acreditava; há muito tempo  
Que a idéia de Deus soprara d'alma  
Como das botas a poeira incômoda.  
O Evangelho era um livro de anedotas,  
Beethoven torturava-lhe os ouvidos,  
A Poesia provocava o sono.

Muita donzela suspirou por ele,  
Muita beleza lhe dormiu nos braços,  
Mas frio como o gênio da descrença,  
Após um'hora de gozar maldito,  
Saciado as deixou, como o conviva,  
A mesa do festim, — farto e cansado. —

Era mais caprichoso, — mais bizarro  
Do que um filho de Álbion, mais volúvel  
Que um profundo político; uma tarde  
Após haver jantado, recordou-se  
Que ainda era solteiro; pelo Papa!  
— É preciso tentar, disse consigo.

Quatro dias depois tinha casado.  
Escolhera uma noiva descuidoso,  
Como um brinco chinês — um livro in-fólio,  
Ao altar conduziu-a, distraído,  
E as juras divinais do casamento  
Repetiu bocejando ao sacerdote.

Como tudo na vida, o matrimônio  
Bem cedo o aborreceu; após três meses  
Disse Adeus à mulher que pranteava,  
E acendendo um cigarro, a passos lentos  
Dirigiu-se ao teatro onde assistiu  
Um drama de *Feuillet*, — quase dormindo. —

Por fim de contas, uma noite bela,  
Depois de ter ceado entre dous padres,

Em casa de morena Cidalisa,  
Pegou numa pistola e entre as fumaças  
De saboroso — *Havana* — à eternidade  
Foi ver si divertia-se um momento.

*São Paulo — 1861.*

**FORAGIDO**  
(CANÇÃO)

Minha casa é deserta; na frente  
Brotam plantas bravias do chão,  
Nas paredes limosas — o cardo —  
Ergue a frente silente ao tufão.

Minha casa é deserta. O que é feito  
Desses templos benditos d'outrora,  
Quando em torno cresciam roseiras,  
Onde as auras brincavam n'aurora?

Hoje a tribo das aves errantes  
Dos telhados se acampa no vão,  
A lagarta percorre as muralhas,  
Canta o grilo pousado ao fogão.

Das janelas no canto, as aranhas  
Leves tremem nos fios dourados,  
As avencas pululam viçosas  
Na umidade dos muros gretados.

Tudo é tredo, meus Deus! o que é feito  
Dessas eras de paz que lá vão,  
Quando junto do fogo eu ouvia  
As legendas sem fim do serão?

No curral esbanjado, entre espinhos,  
Já não bala ansioso o cordeiro,  
— Nem desperta-se ao toque do sino —  
— Nem ao canto do galo ao poleiro. —

Junto à cruz que se eleva na estrada  
Seco e triste se embala o chorão,

Não há mais o esfumar das acácias,  
Nem do crente a — sentida oração.

Não há mais uma voz nestes ermos,  
Um gorjeio das aves no val,  
Só a fúria do vento retroa  
Alta noite agitando o ervaçal!

Ruge, oh vento gelado do norte,  
Torce as plantas que brotam do chão,  
Nunca mais eu terei as venturas  
Desses tempos de paz que lá vão!

Nunca mais desses dias passados  
Uma luz surgirá dentre as brumas!  
As montanhas se embuçam nas trevas,  
As torrentes se vendam de espumas !

Corre pois vendaval das tormentas,  
Hoje é tua esta morna soidão!  
Nada tenho, que um céu lutulento  
E uma cama de espinhos no chão!

Ruge, voa, que importa! sacode  
Em lufadas as crinas da serra,  
Alma nua de crença e esperanças  
Nada tenho a perder sobre a terra!

Vem, meu pobre e fiel companheiro,  
Vamos, vamos depressa, meu cão,  
Quero ao longo perder-me das selvas  
Onde passa rugindo o tufão!

*Cantareira — 1861.*

## FRAGMENTOS

.....

Por ela me despi dos áureos sonhos  
Que a flor da mocidade abrilhantavam;  
Por ela reneguei meu Deus e crenças,  
Por ela abandonei meus pátrios lares,

E nas fráguas do amor e da saudade  
Vi minha vida desfazer-se em fumo!

Como o perfume que transpira à noite  
Da margem da lagoa — a flor mimosa —  
Vai deleitar o viajor que a névoa  
Desorienta da campina extensa,  
Vinham amenizar — lembranças dela  
A sombria tristeza de minh'alma!

De plaga em plaga como o hebreu maldito  
Refugiei-me em vão, buscando d'alma  
Expulsar o pesar que me roía!  
Mendiguei um alívio ao céu de Itália;  
Aos cantos do barqueiro errei à noite  
— Nas ondas perfumadas de Sorrento; —  
Adormeci na encosta do Vesúvio,  
E visitei as lúcidas paragens  
Onde Laura e Petrarca suspiraram.  
Mas era embalde!... nem o céu brilhante,  
Nem o meigo sorriso, — o olhar de fogo  
Da bela Italiana, nem os cantos,  
Nem os festins ruidosos de Veneza,  
Sanar puderam de meu seio a mágoa,  
E a dor pungente que ia fundo n'alma!

A loira Grécia dirigi meus passos,  
Adormeci à sombra dessas ruínas  
Onde envolto em seu manto de descrença  
Lorde Byron vagou. Abri meu peito  
Às vozes divinais de antigas eras,  
E no sopro das brisas que passavam  
Ouvi o coro de — milhões de deuses —  
Que das balsas floridas levantavam-se  
À minha invocação; de Tempe ao vale  
Fui aos ecos pedir — os doces cantos —  
Que ali ditosa repetira Safo  
Nos braços de Faon; e no entanto  
Em vão minh'alma se engolfar buscava  
No livro do passado, — em vão meus lábios  
Murmuravam canções de seus poetas!  
O pesar me seguia — mudo, — frio —  
Horrível como um plúmbeo pesadelo!

Deixei a Grécia. Às regiões ardentes  
Onde nuvens de areia o ar percorrem  
— No sólio do zenite — o sol nublando,  
Onde lenta caminha a caravana  
Abrasada de sede e de cansaço,  
— Fugindo o tédio de uma vida eivada,  
Como — Harold ou René — lancei-me triste  
Cercada a frente de trevosas nuvens.

Descansei sob as tendas do deserto,  
Matei a sede de meu peito em fogo  
— Nas águas lamacentas das cisternas,  
E após deixando os areais sem termos  
Embrenhei-me nas selvas seculares  
Lá onde à sombra de soberbos cedros  
Dormia a solidão seu sono imenso!  
— Mas as canções dos árabes errantes, —  
Os urros do *simoun*, — o murmúrio  
Da folhagem da selva, — o mundo todo —  
Desse vasto poema do deserto —  
Falavam-me de dor e de amarguras,  
Negra saudade me acordavam n'alma!

Vaguei nos mares à tormenta exposto,  
Vi diante de meus pés — o oceano e a morte, —  
E meu frágil baixel arrebatado  
— Ora no dorso de espumosas vagas —  
Ir doudejando topetar nas nuvens,  
— Ora no abismo se afundar gemendo! —  
Abrindo as asas negras sobre os mares  
Corria o furacão rugindo em fúrias  
Como o anjo da morte! No infinito  
— A orquestra da tormenta — ribombava  
Horrível e sublime! O céu rugia,  
As serpentes de fogo se enroscavam  
No espaço abraseado, — as ardentias  
Referviam no abismo escancarado  
Como os lumes que em breve me esperavam  
Na tumba imensa de revoltas águas!  
E enquanto os mastros a estalar caíam  
Ao roçar da tormenta, enquanto os nautas  
Prostrados no convés — a Deus clamavam  
Ante a agonia — a tempestade — e a morte,  
Pedindo às vagas, olvidando tudo,

O nome dela eu murmurava em prantos.

Dos abismos à flor, como Manfredo,  
Os gênios invoquei — vertiginoso —  
P'ra que lançassem de minh'alma aos ermos  
— De mim mesmo, um profundo esquecimento.  
Pedi a Deus — um existir de bruto, —  
Matéria impura sem pensar nem dores.  
Mas nem um gozo iluminou-me a vida,  
Nem uma fonte límpida e serena  
Rebentou — pelo Sáara — de minh'alma!

Errei nessas paragens encantadas  
Onde à sombra de um bosque de palmeiras  
Regatos correm de serenas águas:  
Ouvi ave sonora se embalando,  
A morredoura luz de amenas tardes  
Lançar gorjeios de saudade infinda;  
céu de azul me iluminava a fronte  
Com torrentes de luz, as flores todas  
Me incensavam de aromas suavíssimos.  
Mas — o riso da flor — o som das brisas —  
A criação pejada de perfumes  
Contando aos astros em linguagem doce  
Suas legendas de amores e sorrisos,  
Não podiam sequer matar-me n'alma  
O negro viso de uma dor sem termos!  
De deserto em deserto se acampando  
Os pastores da Arábia a vida passam;  
Como eles vagabundo, — eivado o seio,  
De dor em dor com vagarosos passos  
Atravesso os desertos da existência!

Cansado de lutar sobre esta vida,  
Senti um dia esmorecer no crânio  
A centelha da crença e da esperança.  
Por altas noites, na mansão dos mortos  
Quando a terra dormia, mergulhado  
Em negro pesadelo, errei sombrio  
Os mistérios da campa interrogando.  
Haverá outra vida?... Após a morte  
Irei eu habitar um novo mundo  
Onde não sinta os desprazeres deste?  
Eu filho da matéria e escravo dela



Serei em breve reduzido a lodo,  
Após haver tragado em brônzea taça  
Tanto fel e absinto?.. assim clamava  
Colando sobre a terra dos sepulcros  
Minha fronte incendiada pela febre.  
Mas lá de longe, — lá do céu quem sabe,  
Vinha urna voz ungida de saudades,  
A harmonia da fé lançar-me n'alma,  
E a flor das esperanças — moribunda —  
Alimentar com tímidas promessas!  
Era ela! ela sempre! à noite, — ao dia —  
No sono — ou na vigília!... amiga sombra,  
Incessante visão da felicidade,  
Presente sempre a meus cansados olhos  
Na penosa jornada deste mundo!

Anjo de meu amor! — filha de Deus!  
Porque me inflinges o cruel suplício  
De ver-te sempre, — de abraçar-te nunca!

Ligeiras nebulosas que habitais  
Sobre os mares de éter, — róseas nuvens, —  
Fúlgida estrela que à manhã nascendo,  
Desperta o viandante nas estradas,  
Astros gigantes, — espantosos mundos  
Que girais no infinito!... oh em vós todos  
Eu parecia vê-la! — ora divina  
Num oceano de névoas flutuando,  
— Ora adejando na região das luzes, —  
Ora no espaço que a razão apenas  
Só pode conceber!... em meu caminho  
Ela se erguia sempre; nos meus sonhos  
Ela passava pensativa, — meiga  
Como um gênio de Óssian; nos meus versos  
Seu doce nome ressoava sempre!  
Debalde procurei riscar da mente  
Essa imagem divina, — parecia  
Que o destino a ligava à minha vida!

Todas as taças de um viver sem gozo  
Traguei descrido. De minh'alma as flores  
No lodo mergulhei, e inda tão cedo  
Me perdi em profundos desvarios!  
Fui no recinto em que circula o vício,

Ao clarão da candeia fumarenta,  
Pender à negra mesa — empalecido —  
Gastando as noites no fervor do jogo!  
Tonto de vinho, — desvairado em febre, —  
Elevei minha taça transbordando  
Entre blasfêmias e obscenos cantos!  
E nos gritos da orgia, — e no delírio —  
Uma voz sonora me acordava  
Do longo pesadelo de minh'alma,  
— E eu soluçava me lembrando dela!

Coberto de tristeza e de saudades,  
Quebrei a ausência, atravessei os mares,  
 Vim a vida buscar ante seus olhos.  
Após tão longo exílio, ardendo em gozo,  
O coração pulsando de alegria,  
Aos lares dela dirigi meus passos.  
Mas silêncio!... um véu negro, impenetrável,  
Cubra esse quadro que meus olhos viram;  
Durma na sombra de um olvido eterno  
Esse mistério fúnebre, banhado  
De lágrimas de sangue! E tu, minh'alma,  
E tu, pobre infeliz, manchada — fria —  
Abafa no teu seio essas lembranças,  
Nem um sonho sequer desse passado  
Venha turbar teu pesadelo imenso!

*Rio Claro — 1861.*

## **A MULHER**

(A C.....)

A mulher sem amor é como o inverno,  
Como a luz das antélias no deserto,  
Como o espinheiro de isoladas fragas,  
Como das ondas o caminho incerto.

A mulher sem amor é — Mancenilha —  
Das Armas plagas sobre o chão crescida,  
Basta-lhe à sombra repousar um'hora,  
Que seu veneno nos corrompe a vida.

De eivado seio no profundo abismo,  
Paixões repousam num sudário eterno;  
Não há canto nem flor, — não há perfumes,  
A mulher sem amor como o inverno.

Su'alma é um alaúde desmontado  
Onde embalde o cantor procura um hino;  
— Flor sem aromas, — sensitiva morta, —  
— Batel nas ondas a vagar sem tino.

Mas se um raio do sol tremendo deixa  
Do céu nublado a condensada treva,  
A mulher amorosa é mais que um anjo,  
— É um sopro de Deus que tudo eleva!

Como o árabe ardente e sequioso  
Que a tenda deixa pela noite escura,  
E vai no seio de orvalhado lírio  
Lamber a medo a divinal frescura:

O poeta a venera no silencio,  
Bebe o pranto celeste que ela chora,  
Ouve-lhe os cantos, — lhe perfuma a vida,...  
— A mulher amorosa é como a aurora!

*São Paulo — 1861.*

### **SOBRE UM TÚMULO**

Torce-te aí na sepultura fria  
Onde passa rugindo o furacão,  
Seja-te o orvalho das manhãs negado,  
Soe em teu leito a voz da maldição!  
Teu castigo será gemer debalde  
Buscando o sono que o sudário deixa,  
Ouvir nas trevas de uma noite horrenda  
De errantes larvas a funérea queixa!  
Pese-te a terra qual um fardo imenso,  
Infecta podridão cubra teus olhos,  
Seque o salgueiro que sombreia a lousa  
E em seu lugar estendam-se os abrolhos!  
Roam-te o Ódio, — a maldição, — o olvido,  
E quando as turbas levantar-se um dia,

— Aparências de Deus, — para afundar-se  
No seio d'Ele, ardentes de alegria,  
Surdo sejas aos ecos da trombeta  
Em teu leito de pedra enregelada;  
Findem-se os mundos, e a existência tua  
Fria se apague na solidão do nada!

*São Paulo — 1861.*

### TRISTEZA

Minh'alma é como o deserto  
De dúbia areia coberto,  
Batido pelo tufão;  
como a rocha isolada  
Pelas espumas banhada,  
— Dos mares na solidão. —

Nem uma luz de esperança,  
Nem um sopro de bonança  
Na frente sinto passar!  
Os invernos me despiram,  
E as ilusões que fugiram  
Nunca mais hão de voltar!

Roem-me atrozes idéias,  
A febre me queima as veias,  
A vertigem me tortura!...  
Oh! por Deus! quero dormir,  
Deixem-me os braços abrir  
Ao sono da sepultura!

Despem-se as matas frondosas,  
Caem as flores mimosas  
Da morte na palidez:  
Tudo, tudo vai passando,  
Mas eu pergunto chorando  
— Quando virá minha vez?

Vem, oh virgem descorada,  
Com a frente pálida ornada  
De cipreste funerário,

Vem! oh quero nos meus braços  
Cerrar-te em meigos abraços  
Sobre o leito mortuário!

Vem oh morte! a turba imunda,  
Em sua miséria profunda,  
Te odeia, te calunia,  
— Pobre noiva tão formosa  
Que nos espera amorosa  
No termo da romaria.

Quero morrer, que este mundo  
Com seu sarcasmo profundo  
Manchou-me de lodo e fel;  
Porque meu seio gastou-se,  
Meu talento evaporou-se  
Dos martírios ao tropel!

Quero morrer: não é crime  
O fardo que me comprime  
Dos ombros lançar ao chão,  
Do pó desprender-me rindo  
E as asas brancas abrindo  
Lançar-me pela amplidão!

Oh! quantas loiras crianças  
Coroadas de esperanças  
Descem da campa à friez!...  
Os vivos vão repousando  
Mas eu pergunto chorando:  
— Quando virá minha vez? —

Minh'alma é triste, pendida,  
Como a palmeira batida  
Pela fúria do tufão;  
É como a praia que alveja;  
Como a planta que viceja  
Nos muros de uma prisão!

*São Paulo — 1861.*

## A ENCHENTE

Era alta noite. Caudaloso e tredo  
Entre barrancos espumava o rio,  
Densos negrumes pelo céu rolavam,  
Rugia o vento no palmar sombrio.  
Triste, batido pelas águas torvas  
Girava o barco na caudal corrente,  
Lutava o remador — e ao lado dele  
Uma virgem dizia tristemente:

Como ao rijo soprar das ventanias  
Os mortos bóiam sobre as águas frias!

E são jovens, bem jovens! na cabana  
Dormiam calmos sem pensar na sorte;  
A enchente veio, e no agitar infrene  
De um sono meigo os conduziu à morte!  
A f'licidade é um sonho nebuloso,...  
A vida neste mundo é sempre assim,  
Do gozo em meio a veladora eterna  
Nos arranca da mesa do festim!

Como ao rijo soprar das ventanias  
Os mortos bóiam sobre as águas frias!

— Rema, rema, barqueiro; olha — lá em baixo  
À luz vermelha do fuzil que passa,  
Não ves o vulto de um rochedo escuro  
Que a correnteza estrepitando abraça?  
— Oh se o vejo, senhora; eu bem o vejo!  
Diz o barqueiro com sinistra voz;  
Pedi à Virgem que os perigos vela  
Que tenha ao menos compaixão de nós!

Como ao rijo soprar das ventanias  
Os mortos bóiam sobre as águas frias!

Eis dentre as vagas de caligem densa  
Vem macilenta se mostrando a lua,  
Como à luz dela a natureza é morta,  
Como a planície é devastada e nua!  
Perto, tão perto se levanta a margem  
Onde fagueira a salvação sorri,

E nós rolamos, e rolamos sempre  
E não podemos aportar ali !

Como ao rijo soprar das ventanias  
Os mortos bóiam sobre as águas frias!

Duro, insofrido o vendaval soergue  
Da onda a face em convulsão febril;  
— Barqueiro, alento! e chegando em terra,  
Hei de cobrir-te de riquezas mil.  
Porém no dorso do dragão das águas  
Lutava o barco — mas lutava em vão,  
E a pobre moça desvairada em prantos  
Pedia à Virgem que lhe desse a mão!

Como ao rijo soprar das ventanias  
Os mortos bóiam sobre as águas frias!

— Ouve, barqueiro, que rugido é esse  
Profundo e surdo que lá em baixo soa?  
Parece o ronco de um trovão medonho  
Que dos abismos pelo seio ecoa! —  
Oh! 'stou perdido ! ... abandonando os remos  
Clama o infeliz a delirar de medo,  
Oh é a morte que nos chama, horrível,  
No fundo escuro de feral rochedo!

Como ao rijo soprar das ventanias  
Os mortos bóiam sobre as águas frias!

Ia o batel. Ao sorvedouro imenso  
Era impossível se esquivar então,  
Dentro sentado — o remador chorava,  
E a donzela dizia uma oração.  
Já diante deles entre véus de espuma  
Treda — a voragem com furor rugia,  
E uma coluna de ligeiro fumo  
Do centro escuro para o céu subia.

Como ao rijo soprar das ventanias  
Os mortos bóiam sobre as águas frias!

Súbito o barco volteou rangendo,  
Tremeu em ânsia — se estorceu, recuou, —



Deu a virgem um grito — outro o barqueiro  
E o lenho na voragem se afundou!  
Tudo findou-se. O vendaval sibila  
Correndo infrene na planície nua,  
O rio espuma e nas revoltas ondas  
Descem dois corpos ao clarão da lua.

Como ao rijo soprar das ventanias  
Os mortos bóiam sobre as águas frias!

*Setembro — 1861.*

### **À ESTÁTUA EQUSTRE**

Ergue-te ousado sobre o chão da praça,  
Homem de bronze, — imagem de monarca,  
Simulacro fatal!  
Pisa inda as turbas humilhadas, como  
As duras patas do corcel que montas  
O chão do pedestal.

Cansadas nunca de opressores ferros,  
Livres de um jugo, — de outro jugo escravas,  
As massas enervadas  
Do pó resgatam seus tiranos mortos,  
E à luz do sol inundam de louvores,  
Por terra debruçadas!

Raça de llotas, que fizestes pois  
Da férvida centelha que no seio  
Vos pôs a Divindade?  
Porque reledes o passado escuro,  
Quando deveras derribar os tronos  
Cantando a liberdade?

Vota-se à treva o busto dos Andradas,  
Some-se a glória de ferventes mártires  
Na lama do ervaçal!  
Mas fria a estátua pisa a turba, como  
As duras patas do corcel de bronze  
O chão do pedestal!

Oh terra do Brasil; — diamante vívido  
Da coroa soberba de Colombo,  
— Bela estrela do sul, —  
Porque tão cedo declinais a fronte  
E a fímbria do vestido enegreceis  
No limo do paul?

Porque tão cedo enregelais o seio  
Nessas frias geadas que predizem  
A morte das nações,  
E os pulsos presos, e a vontade escrava,  
Do mártir a memória e a voz dos bardos  
Cobris de maldições?

Erguei-vos desse lívido marasmo,  
Afrontai o negrume das tormentas,  
O horror da tirania!  
Se agora em bronze eternizais — senhores, —  
Gravai nos bronzes o brasão dos livres,  
Saudai um novo dia!

Embora o mundo me proclame louco,  
Embora à frente com furor me gravem  
Estigma infernal!  
Não posso calmo ver pisar-se as turbas,  
Como o corcel de levantada estátua  
O chão do pedestal!

*S. Paulo — Outubro — 1861.*